

RESILIÊNCIA FRENTE A INCLUSÃO: UM RECORTE INTERDISCIPLINAR DA ADOLESCÊNCIA À LUZ DA PSICOLOGIA ESCOLAR/EDUCACIONAL

Marcos Vitor Costa Castelhana 1*

Délis Sousa Benevides 2*

Hugo Horácio de Lucena 3*

Maria Hortência Nóbrega de Sousa 4*

Daniela Ribeiro Barros 5*

Psicóloga, Mestre em Psicologia (UFPB), Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7632989548523290>

RESUMO

A adolescência é caracterizada por ser um estado intermediário entre a infância e a fase adulta, sendo este período marcado pelo viés cultural. Partindo deste pressuposto, de acordo com a literatura, a adolescência varia de acordo a cultura e os costumes presentes em determinada região, não sendo, portanto, um estágio universal. Por mais que a construção ocidental do conceito da adolescência apresente uma perspectiva conflitiva, algumas vertentes, entre elas a Psicologia Positiva, afirma que esse período pode ser marcado pela resiliência intrínseca ao sujeito, tendo este a capacidade de revolucionar problemas e superar dificuldades. Outro conceito de extrema relevância nesse estudo relacionado à adolescência é a inclusão social, em que as Políticas Públicas entrariam com o papel de garantir o direito da educação de qualidade e o respeito das diferenças dos sujeitos. Sendo assim, esse estudo descreve uma intervenção de mediação do psicólogo no âmbito escolar, através de um trabalho interdisciplinar, promovendo a relação entre a resiliência e a inclusão do adolescente no âmbito micro e macrosocial, abarcando de forma direta as Políticas Públicas Educacionais e os direitos garantidos pela Constituição de 1988. Nesse direcionamento, o objetivo deste estudo é apresentar a relação entre a resiliência e a inclusão social no ambiente escolar, levando em consideração as práticas exercidas pelo psicólogo coadunando com as Políticas Públicas vigentes. Trata-se de um estudo de natureza qualitativa, contando com a participação de 16 alunos de uma escola privada da cidade de Patos-PB. Para a coleta de dados foi realizada uma entrevista subsidiada por um questionário, aplicado individualmente com cada participante. Os pesquisadores também utilizaram um diário de campo para fazer as anotações necessárias sobre o processo da pesquisa. Foram realizadas seis visitas à escola, com duração média de uma hora e trinta

*1 Graduando do curso de psicologia do Centro Universitário de Patos (UNIFIP). E-mail: castelhanophilospsi@outlook.com

* 2 Graduando do curso de psicologia das Centro Universitário de Patos (UNIFIP). E-mail: delissousa@hotmail.com

* 3 Graduando do curso de psicologia das Centro Universitário de Patos (UNIFIP). E-mail: hugohoraciol@gmail.com

* 4 Graduando do curso de psicologia das Centro Universitário de Patos (UNIFIP). E-mail: hoortencianobre@hotmail.com

* 5 Psicóloga, Mestre em Psicologia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). E-mail: danielaribeiro@hotmail.com

minutos cada, e, por fim, uma roda de conversas com os participantes. As entrevistas foram analisadas qualitativamente por meio da análise de discurso dos participantes, mediante o estudo foi percebido que dentro de um cenário microssocial, pode ser evidenciada a resiliência no período da adolescência evidenciando presença de tal característica nos indivíduos pode se constituir como um aspecto de extrema relevância para o processo de inclusão escolar.

ABSTRACT: Adolescence is characterized by being an intermediate state between childhood and adulthood, this period being marked by cultural bias. Based on this assumption, according to the literature, adolescence varies according to the culture and customs present in a given region, therefore, it is not a universal stage. As much as the Western construction of the concept of adolescence presents a conflicting perspective, some aspects, among them Positive Psychology, affirm that this period can be marked by the subject's intrinsic resilience, having the ability to revolutionize problems and overcome difficulties. Another concept of extreme relevance in this study related to adolescence is social inclusion, in which Public Policies would play the role of guaranteeing the right to quality education and respect for the differences of the subjects. Therefore, this study describes a psychologist's mediation intervention in the school environment, through an interdisciplinary work, promoting the relationship between resilience and the inclusion of adolescents in the micro and macrosocial scope, directly encompassing Public Educational Policies and rights guaranteed by the 1988 Constitution. In this direction, the objective of this study is to present the relationship between resilience and social inclusion in the school environment, taking into account the practices exercised by the psychologist in line with the current Public Policies. This is a qualitative study, with the participation of 16 students from a private school in the city of Patos-PB. For data collection, an interview subsidized by a questionnaire was applied, applied individually with each participant. The researchers also used a field diary to make the necessary notes about the research process. Six visits were made to the school, with an average duration of one hour and thirty minutes each, and, finally, a round of conversations with the participants. The interviews were analyzed qualitatively through the analysis of the participants' discourse, through the study it was realized that within a microsocial scenario, resilience in the period of adolescence can be evidenced, showing the presence of such a characteristic in individuals, it can constitute itself as an extreme aspect relevance to the school inclusion process.

PALAVRAS-CHAVE: Adolescência; Inclusão; Resiliência; Desenvolvimento; Psicologia Escolar/Educacional.

*1 Graduando do curso de psicologia do Centro Universitário de Patos (UNIFIP). E-mail: castelhanophilospsi@outlook.com

* 2 Graduando do curso de psicologia das Centro Universitário de Patos (UNIFIP). E-mail: delissousa@hotmail.com

* 3 Graduando do curso de psicologia das Centro Universitário de Patos (UNIFIP). E-mail: hugohoraciol@gmail.com

* 4 Graduando do curso de psicologia das Centro Universitário de Patos (UNIFIP). E-mail: hoortencianobre@hotmail.com

* 5 Psicóloga, Mestre em Psicologia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). E-mail: danielaribeiro@hotmail.com

INTRODUÇÃO

A adolescência é caracterizada por um estado intermediário entre a infância e a fase adulta, marcado pelo viés cultural, e, portanto, variando de acordo com a cultura e os costumes presentes em determinada região, não sendo portando um estágio universal (Coll, Marchesi & Palacios 2004). Por mais que a construção ocidental da adolescência apresente uma perspectiva conflitiva em torno do conceito de adolescente, em que o sujeito passará, obrigatoriamente, por conflitos, algumas vertentes, entre elas a Psicologia Positiva, afirma que esse período pode ser marcado pela resiliência intrínseca ao sujeito, tendo este a capacidade de revolucionar problemas e superar dificuldades.

Outro conceito de extrema relevância abordado nesse estudo é o de inclusão social, em que as Políticas Públicas teriam o papel de garantir o direito da educação de qualidade e o respeito das diferenças dos sujeitos, sejam elas culturais, étnicas, relacionadas a alguma deficiência física ou intelectual, entre outras. Nessa perspectiva, busca-se abordar a atuação do psicólogo no âmbito escolar como promotor de um trabalho interdisciplinar que potencializa a relação entre a resiliência intrínseca aos sujeitos e a inclusão do adolescente no âmbito micro e macrossocial, abarcando de forma direta as Políticas Públicas Educacionais e os direitos garantidos pela Constituição Federal de 1988.

Conceitos e teorias sobre a adolescência

A cultura desenvolvida no ocidente em relação ao adolescente edifica uma perspectiva conflituosa, que vai desde a literatura com as obras de Goethe e Shakespeare, entre elas Os

*1 Graduando do curso de psicologia do Centro Universitário de Patos (UNIFIP). E-mail: castelhanophilospsi@outlook.com

* 2 Graduando do curso de psicologia das Centro Universitário de Patos (UNIFIP). E-mail: delissousa@hotmail.com

* 3 Graduando do curso de psicologia das Centro Universitário de Patos (UNIFIP). E-mail: hugohoraciol@gmail.com

* 4 Graduando do curso de psicologia das Centro Universitário de Patos (UNIFIP). E-mail: hoortencianobre@hotmail.com

* 5 Psicóloga, Mestre em Psicologia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). E-mail: danielaribeiro@hotmail.com

Sofrimentos do Jovem Werther, Hamlet, Romeu e Julieta; até o campo especulativo, filosófico e científico, que é desenvolvido por diversos autores, entre os mais destacados, aqueles de base psicanalítica, como Freud, Erikson, Adler, dentre outros (Papalia & Feldman, 2013). Porém, o zeitgeist do conflito não é a única ótica que deve ser desenvolvida para se analisar e compreender o período da adolescência, pois esse momento não é unicamente marcado por conflitos, mas sim pelo desenvolvimento da afetividade, do bem-estar, da superação, socialização; como citam alguns autores no decorrer desse texto.

Um estudo antropológico de grande destaque, o de Margaret Mead, realizado em 1928, em Samoa, na Oceania, demonstra que os adolescentes daquele lugar tiveram uma adolescência tranquila e feliz. Na década de 1980, o psicólogo John C. Coleman, a partir de uma vasta revisão na literatura empírica sobre a adolescência chega à conclusão de que os dados que estavam disponíveis na época não asseguravam a ideia de que a fase do desenvolvimento em questão é marcada por estresses e tensões. Diferentemente do que afirmava Stanley Hall, que quando publicou seu trabalho em 1904 salientou que a adolescência consistiria em um momento crítico do desenvolvimento humano, já que correspondia ao momento de evolução da espécie (Coll, Marchesi & Palacios 2004).

Quando se inicia a puberdade – que consiste nas transformações físicas que tornam o corpo apto para reprodução-, vários fatores podem ser levados em consideração quando se trata de aspectos psicológicos do adolescente, inclusive, se o indivíduo entrou precocemente ou tardiamente nesse período. A questão é, segundo Palacios e Olivia (2004), que nessa fase do desenvolvimento, comparado à infância, os adolescentes vão menos aos médicos, e os

*1 Graduando do curso de psicologia do Centro Universitário de Patos (UNIFIP). E-mail: castelhanophilospsi@outlook.com

* 2 Graduando do curso de psicologia das Centro Universitário de Patos (UNIFIP). E-mail: delissousa@hotmail.com

* 3 Graduando do curso de psicologia das Centro Universitário de Patos (UNIFIP). E-mail: hugohoraciol@gmail.com

* 4 Graduando do curso de psicologia das Centro Universitário de Patos (UNIFIP). E-mail: hoortencianobre@hotmail.com

* 5 Psicóloga, Mestre em Psicologia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). E-mail: danielaribeiro@hotmail.com

“problemas” que eles passam chamam muito mais atenção do que aqueles apresentados pelas crianças, a exemplo dos transtornos alimentares, uso de drogas entre outros, evidenciados cotidianamente em adolescentes.

A adolescência, enquanto fase do desenvolvimento, nem sempre existiu no ocidente assim como ainda não existe em alguns lugares do oriente. Conforme Palacios e Olivia (2004), se faz necessário fazer uma distinção entre adolescência e puberdade para melhor compreender essa discussão. A puberdade é definida como o conjunto de mudanças físicas que ocorrem no indivíduo que transformam o corpo infantil em um corpo adulto, seria, portanto, um processo universal, existindo em todas as culturas, já que é processo de natureza biológica e todas as pessoas irão passar por ele independente do lugar onde ela residam. Já o conceito de adolescência, enquanto fase do desenvolvimento, não é universal, trata-se de uma construção artificial e se refere ao aspecto psicossocial caracterizado pela transição da infância para a vida adulta e está presente apenas em algumas culturas.

Papalia e Feldman (2013), afirmam que o período da adolescência é uma construção social que vai dos 11 anos até os 19 ou 20 anos de idade. Trata-se de um conceito que não existia nas sociedades pré-industriais, no qual as crianças eram logo consideradas adultas diante do amadurecimento físico ou quando iniciavam um aprendizado profissional. Foi apenas no século XX que a adolescência foi definida como um estágio de vida separado no mundo ocidental.

Diante dos diversos estudos sobre a adolescência, se entende a necessidade de compreender que o dado período não é marcado só por conflitos e crises. Passar por problemas

*1 Graduando do curso de psicologia do Centro Universitário de Patos (UNIFIP). E-mail: castelhanophilospsi@outlook.com

* 2 Graduando do curso de psicologia das Centro Universitário de Patos (UNIFIP). E-mail: delissousa@hotmail.com

* 3 Graduando do curso de psicologia das Centro Universitário de Patos (UNIFIP). E-mail: hugohoraciol@gmail.com

* 4 Graduando do curso de psicologia das Centro Universitário de Patos (UNIFIP). E-mail: hoortencianobre@hotmail.com

* 5 Psicóloga, Mestre em Psicologia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). E-mail: danielaribeiro@hotmail.com

é comum do ser humano em qualquer fase do seu desenvolvimento, seja na infância, adolescência ou velhice. Se a infância, a vida adulta e a velhice podem ser caracterizadas como períodos felizes, então por que com a adolescência seria diferente? Se crianças em vulnerabilidade podem ter resiliência então por que um adolescente não, tendo visto todos os marcadores para a vida adulta e as mudanças tanto no âmbito social como as mudanças cognitivas, físicas e psicossociais esperadas para a entrada da segunda década de vida?

A adolescência é um período em que pode ser observada a resiliência como todos os outros. Nesse direcionamento, faz-se necessário entender o conceito de resiliência que é muito abordado pela psicologia positiva.

Entendendo o que é resiliência

Tendo em vista que a adolescência pode ser considerada um período feliz em que as pessoas podem ser resilientes nas diversas situações nas quais vivenciam, é necessário entender também que resiliência e felicidade são conceitos distintos, tratados pela psicologia positiva. A Psicologia Positiva é uma área de análise definida pelo estudo das potencialidades, motivações e realizações humanas, partindo de um ponto de vista individual. Estuda os processos cognitivos e emocionais subjacentes às experiências subjetivas e aos traços de personalidade dos sujeitos, no sentido de facilitar mudanças comportamentais que se traduzam

*1 Graduando do curso de psicologia do Centro Universitário de Patos (UNIFIP). E-mail: castelhanophilospsi@outlook.com

* 2 Graduando do curso de psicologia das Centro Universitário de Patos (UNIFIP). E-mail: delissousa@hotmail.com

* 3 Graduando do curso de psicologia das Centro Universitário de Patos (UNIFIP). E-mail: hugohoraciol@gmail.com

* 4 Graduando do curso de psicologia das Centro Universitário de Patos (UNIFIP). E-mail: hoortencianobre@hotmail.com

* 5 Psicóloga, Mestre em Psicologia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). E-mail: danielaribeiro@hotmail.com

em estratégias de coping e competências promotoras das potencialidades individuais (Carr, 2007).

Nesta ótica, o movimento intitulado Psicologia Positiva vem afirmar-se na edição especial de 2001 do periódico *American Psychologist*, e é definido como uma “tentativa de levar os psicólogos contemporâneos a adotarem uma visão mais aberta e apreciativa dos potenciais, das motivações e das capacidades humanas” (Sheldon & King, 2001, p. 216). Utilizando-se desta perspectiva, a ciência psicológica procura transformar abordagens passadas em novas promessas de entendimento dos fenômenos psicológicos como otimismo, esperança, alegria e outros enunciados humanos tão valiosos para a pesquisa, como ansiedade, angústia, depressão e agressividade. De um ponto de vista grupal, a Psicologia positiva estuda as virtudes cívicas e institucionais que promovem nos indivíduos maior adequação em termos de cidadania, responsabilidade social, altruísmo, moderação, tolerância e postura ética.

Aborda-se em vista disso, uma psicologia que deseja antes de qualquer coisa, romper com o viés simplista e negativo de algumas práticas científicas que têm utilizado descrença diante de expressões dos indivíduos, comunidades ou grupos. Todavia, demandar uma ciência que realce potenciais e qualidades humanas, requer bastante força de vontade, reflexão e respeitabilidade conceitual, teorista e sistemático relacionando o aprendizado relativo a distúrbios e desordens humanas. Na direção destas iniciativas, algumas ocorrências significativas de “vida saudável” têm sido declaradas como processos de adaptação no decorrer do desenvolvimento, dentre eles, evidenciou - se a resiliência.

*1 Graduando do curso de psicologia do Centro Universitário de Patos (UNIFIP). E-mail: castelhanophilospsi@outlook.com

* 2 Graduando do curso de psicologia das Centro Universitário de Patos (UNIFIP). E-mail: delissousa@hotmail.com

* 3 Graduando do curso de psicologia das Centro Universitário de Patos (UNIFIP). E-mail: hugohoraciol@gmail.com

* 4 Graduando do curso de psicologia das Centro Universitário de Patos (UNIFIP). E-mail: hoortencianobre@hotmail.com

* 5 Psicóloga, Mestre em Psicologia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). E-mail: danielaribeiro@hotmail.com

Segundo Yunes (2003), que realizou uma rigorosa revisão sobre o termo, os precursores do conceito de resiliência são palavras como invencibilidade ou invulnerabilidade, termos ainda muito utilizados na literatura para sugerir que algumas crianças são totalmente imunes a qualquer desfavorecimento.

Portanto, nessa perspectiva, a adolescência não necessariamente é vista como uma fase conflitiva e muitas vezes perturbadora, mas pode ser marcada por momentos felizes e sem conflitos aparentes. Através da resiliência, presente intrinsecamente nos sujeitos, os adolescentes podem edificar esse período com diversas conquistas, sejam elas externas, como amigos, relações com os terceiros ou iguais; como características internas, como autocontrole, autoestima, entre outras. Com isso, através da perspectiva mostrada, o sujeito pode desenvolver suas habilidades individuais ou sociais sem passar pelo resultado inevitável dos conflitos.

As políticas públicas educacionais e a resiliência: uma relação

No contexto escolar, a resiliência pode ser considerada importante para um bom desempenho por parte dos alunos frente às questões como vulnerabilidade, risco ou exclusão. Como iniciativa do Governo, as Políticas Públicas Educacionais visam a garantia dos direitos dos estudantes. De acordo com a Constituição Federal de 1988, no seu Art. 5. a educação é direito de todos e dever do Estado e da família, e deve ser promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando o pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Ainda na constituição, é garantido de acordo com a Art. 6. que o ensino deve ser ministrado em igualdade de condições para que se ocorra a permanência na escola, e no Art.

*1 Graduando do curso de psicologia do Centro Universitário de Patos (UNIFIP). E-mail: castelhanophilospsi@outlook.com

* 2 Graduando do curso de psicologia das Centro Universitário de Patos (UNIFIP). E-mail: delissousa@hotmail.com

* 3 Graduando do curso de psicologia das Centro Universitário de Patos (UNIFIP). E-mail: hugohoraciol@gmail.com

* 4 Graduando do curso de psicologia das Centro Universitário de Patos (UNIFIP). E-mail: hoortencianobre@hotmail.com

* 5 Psicóloga, Mestre em Psicologia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). E-mail: danielaribeiro@hotmail.com

223. É posto como dever do Estado a Educação, efetivado mediante a garantia de atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, dando preferência à rede regular de ensino, entre outros direitos que o Estado assegura para os alunos da nação.

Segundo Oliveira (2010), política pública é uma expressão que tem como objetivo a definição de uma situação específica da política. Considerando o ponto de vista epistemológico, se refere à participação do povo nas decisões não só da cidade, mas do território. Essa participação coletiva já assumiu diversas feições no tempo, no lugar, acontecendo de forma direta ou indireta, porém, o agente crucial para o acontecimento da política pública sempre foi o Estado.

Tendo em vista as necessidades dos cidadãos e o que o próprio Estado propõe, percebe-se que as Políticas Públicas, em seus diversos contextos, são importantes e necessárias. Para a educação não seria diferente, ressaltando que além de ser um direito, muitos alunos que se encontram na escola precisam dessas políticas para serem incluídos no âmbito escolar. Dentre as Políticas Públicas em Educação se encontra a Lei de Diretrizes e Bases – LDB, os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN, as Políticas Públicas de Inclusão, entre muitas outras, que podem ser de maior conhecimento como o sistema de cotas, ProUni, Fies.

Destacando as Políticas Públicas de Inclusão, Paulon, Freitas e Pinho (2005, p. 7), falam que “a discussão sobre políticas inclusivas costuma centrar-se nos eixos da organização sócio-política necessária a viabilizá-la e dos direitos individuais do público a que se destina”, e que “uma política efetivamente inclusiva deve ocupar-se com a desinstitucionalização da exclusão, seja ela no espaço da escola ou em outras estruturas sociais” (Paulon, Freitas & Pinho, 2005,

*1 Graduando do curso de psicologia do Centro Universitário de Patos (UNIFIP). E-mail: castelhanophilospsi@outlook.com

* 2 Graduando do curso de psicologia das Centro Universitário de Patos (UNIFIP). E-mail: delissousa@hotmail.com

* 3 Graduando do curso de psicologia das Centro Universitário de Patos (UNIFIP). E-mail: hugohoraciol@gmail.com

* 4 Graduando do curso de psicologia das Centro Universitário de Patos (UNIFIP). E-mail: hoortencianobre@hotmail.com

* 5 Psicóloga, Mestre em Psicologia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). E-mail: danielaribeiro@hotmail.com

p.8).

Ainda conforme os referidos autores, a implementação de políticas de inclusão que pretendem ser efetivas e duradouras devem considerar a rede de relações materializadas através das instituições, salientando que as práticas discriminatórias que elas produzem vão além dos muros e regulamentos das organizações que são evidenciadas, em linhas gerais, da Escola. Nesse direcionamento, faz-se necessário compreender como o psicólogo pode contribuir para a efetivação das políticas públicas, mais especificamente, no contexto escolar.

O papel do psicólogo no ambiente escolar

Antes de fundamentar sobre as funções e objetivos exercidos pelo psicólogo no ambiente escolar, se faz necessário entender primeiro, o que seria a Psicologia Escolar, sendo esta uma área de atuação caracterizada pelo uso dos saberes desenvolvidos pela Psicologia científica, em prol, do desenvolvimento e otimização do processo educativo, entendido este como complexo processo de transmissão cultural e de formação da subjetividade (Martínez, 2003). Sendo assim, o maior objetivo do psicólogo dentro desse meio, seria, procurar alternativas visando a maximização e otimização dos processos educativos, abrangendo a amplitude e a complexidade dos fatores presentes na instituição.

No entanto, segundo ressalta Martínez (2010), existem duas formas de atuação do psicólogo escolar, as “tradicionais”, aquelas que são consideradas relativamente consolidadas em seu contexto histórico, e as “emergentes”, que estão relacionadas a práticas que apresentam uma construção relativamente mais recente; voltadas às questões institucionais. Com isso, segundo a autora, as práticas tradicionais estão mais voltadas ao sujeito, podendo usar de teste

*1 Graduando do curso de psicologia do Centro Universitário de Patos (UNIFIP). E-mail: castelhanophilospsi@outlook.com

* 2 Graduando do curso de psicologia das Centro Universitário de Patos (UNIFIP). E-mail: delissousa@hotmail.com

* 3 Graduando do curso de psicologia das Centro Universitário de Patos (UNIFIP). E-mail: hugohoraciol@gmail.com

* 4 Graduando do curso de psicologia das Centro Universitário de Patos (UNIFIP). E-mail: hoortencianobre@hotmail.com

* 5 Psicóloga, Mestre em Psicologia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). E-mail: danielaribeiro@hotmail.com

e avaliações, diagnóstico para fundamentar sua objetivação, estando presentes nas orientações profissionais, sexuais, com os pais, entre outras. Já as práticas de caráter emergente, estão mais voltadas às questões institucionais, como na coesão da equipe pedagógica, participação na seleção de novos membros, pesquisas com fins institucionais, entre outras atividades (Marinho-Araújo e Almeida, 2005).

Nessa perspectiva, para que o psicólogo escolar realize de forma coerente seus objetivos e suas funções, deve haver uma substituição da atuação tradicional pela emergente, pois, assim, ele tende a suprimir a gama de fatores institucionais, e com a atuação interdisciplinar com professores, pedagogos, dentre outros, será possível aprimorar e difundir as atividades dentro desse complexo meio. Algo que se deve ter em mente, é que o psicólogo não trabalha de maneira isolada e monotemática e sim com diferentes questões, entre elas a resiliência e a inclusão, partindo de uma coletivização e unificação do trabalho do psicólogo com os demais sujeitos envolvidos nesse processo de educação, traçando de forma sistemática e organizada os objetivos ali propostos.

METODOLOGIA

Estudo é de natureza qualitativa e foi realizado numa instituição de ensino privado, localizada na cidade de Patos, na Paraíba e oferta o ensino pré-escolar, Fundamental I e II.

Participaram do estudo 16 adolescentes sendo 5 do sexo masculino e 11 do sexo feminino, com a idade média entre quatorze a quinze anos de idade, cursando o nono ano do ensino fundamental II. Já para a coleta de dados foi realizada uma entrevista em que os participantes

*1 Graduando do curso de psicologia do Centro Universitário de Patos (UNIFIP). E-mail: castelhanophilospsi@outlook.com

* 2 Graduando do curso de psicologia do Centro Universitário de Patos (UNIFIP). E-mail: delissousa@hotmail.com

* 3 Graduando do curso de psicologia do Centro Universitário de Patos (UNIFIP). E-mail: hugohoraciol@gmail.com

* 4 Graduando do curso de psicologia do Centro Universitário de Patos (UNIFIP). E-mail: hoortencianobre@hotmail.com

* 5 Psicóloga, Mestre em Psicologia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). E-mail: danielaribeiro@hotmail.com

responderam individualmente a um questionário contendo quatro perguntas. Na primeira questão foi perguntado se aluno se considera uma pessoa resiliente e o porquê, na segunda questão foi perguntado o que os alunos achavam da atuação do psicólogo na escola, na terceira questão foi perguntado se eles acreditavam que todas as pessoas precisam ter os mesmo direitos, e por fim, na questão quatro, foi pedido que os alunos avaliassem o trabalho dos estagiários realizado com eles, respondendo em uma escala de 1 à 5, sendo o 1 muito ruim, 2 ruim, 3 regular, 4 bom e 5 muito bom.

Durante a coleta de dados foi realizada a observação participante, que, Segundo Lenardt et al (2006), pode oferecer a oportunidade do pesquisador se aproximar das cenas culturais que ocorrem no cenário da pesquisa, permitindo que várias informações sejam detectadas, informações essas que às vezes não podem ser identificadas em outros tipos de pesquisa.

Foi utilizado pelos pesquisadores o diário de campo, que consiste em uma técnica usada para o registro de memória, por meio da anotação de tudo o que ocorreu durante a observação participativa. O registro de memória, segundo Danna e Mattos (2011), refere-se aos eventos ocorridos durante a observação que são anotados e descritos a posteriori, ou seja, o que é feito deve ser descrito após um determinado período de observação.

No que diz respeito ao procedimento de coleta de dados, foram realizadas seis visitas à escola, com duração média de uma hora e trinta minutos cada. Na primeira visita ocorreu a apresentação dos estagiários mediante a carta de apresentação entregue a diretora da escola. Na segunda visita, foram entregues os termos de consentimento livre e esclarecido para que os responsáveis pelos alunos assinassem. Na terceira, houve o recolhimento desses termos com as

*1 Graduando do curso de psicologia do Centro Universitário de Patos (UNIFIP). E-mail: castelhanophilospsi@outlook.com

* 2 Graduando do curso de psicologia das Centro Universitário de Patos (UNIFIP). E-mail: delissousa@hotmail.com

* 3 Graduando do curso de psicologia das Centro Universitário de Patos (UNIFIP). E-mail: hugohoraciol@gmail.com

* 4 Graduando do curso de psicologia das Centro Universitário de Patos (UNIFIP). E-mail: hoortencianobre@hotmail.com

* 5 Psicóloga, Mestre em Psicologia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). E-mail: danielaribeiro@hotmail.com

devidas assinaturas. Na quarta visita foi realizada uma dinâmica com os alunos em que foram distribuídos cartões para que todos pudessem escrever o maior problema que eles achavam que existia no contexto pessoal ou de sala de aula. Na quinta, aconteceu a intervenção com os adolescentes baseada nos cartões que eles escreveram na visita anterior, onde foi abordado o tema de resiliência e no último momento eles responderam individualmente ao questionário sobre perguntas relacionadas à resiliência e a inclusão. A intervenção foi finalizada com a sexta visita à escola com o objetivo de se confraternizar com os alunos.

Mediante as informações contidas no diário de campo por meio das observações participativas e da entrevista individual, os dados foram analisados qualitativamente, cujos resultados são passíveis de discussões baseados na literatura disponível.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

O presente estudo teve como **objetivo** apresentar a relação entre resiliência e inclusão social dentro do ambiente escolar, levando em consideração as práticas exercidas pelo psicólogo coadunando com as Políticas Públicas vigentes.

Os registros da observação participante anexados ao diário de campo evidenciaram que no primeiro dia da pesquisa a coordenadora ressaltou a importância da realização do trabalho com adolescentes, em virtude de que a maioria dos estagiários só procurava por alunos do Fundamental I e pré-escolar nas suas pesquisas. Quanto à observação na turma, nos primeiros dias não foi observada interação entre os alunos e estagiários, porém foi possível observar alguns comportamentos de bullying entre os alunos.

*1 Graduando do curso de psicologia do Centro Universitário de Patos (UNIFIP). E-mail: castelhanophilospsi@outlook.com

* 2 Graduando do curso de psicologia das Centro Universitário de Patos (UNIFIP). E-mail: delissousa@hotmail.com

* 3 Graduando do curso de psicologia das Centro Universitário de Patos (UNIFIP). E-mail: hugohoraciol@gmail.com

* 4 Graduando do curso de psicologia das Centro Universitário de Patos (UNIFIP). E-mail: hoortencianobre@hotmail.com

* 5 Psicóloga, Mestre em Psicologia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). E-mail: danielaribeiro@hotmail.com

No terceiro dia foi perguntado aos alunos qual era o maior problema da sala, os meninos responderam que era a “desunião” e “intromissão”, por parte de alguns. Já as meninas apontaram para um dos seus colegas e relataram que o problema da sala seria ele que ficava cantando na sala de aula.

No quarto dia de visita, treze alunos participaram de uma dinâmica em que deveriam escrever seus maiores problemas em cartões, envolvendo o contexto escolar ou o pessoal. Sete dos treze alunos relataram situações de bullying, tanto se caracterizando como vítimas de bullying, quanto agressores. Foram relatadas situações que existiam “brincadeiras sem graça” e “brincadeiras, xingamentos sem necessidade, bullying”. Já no contexto pessoal, alguns alunos relataram que se sentiam inseguros e sozinhos, com muita cobrança por parte dos pais.

Na quinta visita houve a intervenção grupal, com a participação de todos os alunos da turma. A sala foi montada de acordo com a demanda apresentada nos cartões escritos na visita anterior. Houve a apresentação de todos e logo após o conceito de resiliência foi apresentado aos alunos por meio de uma roda de conversa. Após essa apresentação, bexigas foram distribuídas aos alunos para que eles escrevessem seus sonhos e colocassem dentro delas. A instrução dada foi a de que esses sonhos precisariam ser protegidos. Depois que todas as bexigas foram estouradas fez-se uma reflexão sobre o objetivo da dinâmica e seguiu-se para a intervenção individual.

Os resultados das entrevistas revelaram que, dos 16 alunos participantes, quinze afirmaram que se consideram resilientes diante de situações de dificuldade. Eles não se percebiam como resilientes porque também não conheciam o conceito dessa palavra. Depois

*1 Graduando do curso de psicologia do Centro Universitário de Patos (UNIFIP). E-mail: castelhanophilospsi@outlook.com

* 2 Graduando do curso de psicologia das Centro Universitário de Patos (UNIFIP). E-mail: delissousa@hotmail.com

* 3 Graduando do curso de psicologia das Centro Universitário de Patos (UNIFIP). E-mail: hugohoraciol@gmail.com

* 4 Graduando do curso de psicologia das Centro Universitário de Patos (UNIFIP). E-mail: hoortencianobre@hotmail.com

* 5 Psicóloga, Mestre em Psicologia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). E-mail: danielaribeiro@hotmail.com

que o conceito foi apresentado aos alunos, a maioria da turma se considerou resiliente, tanto com suas questões pessoais, como na própria escola, como foi relatado por um dos alunos respondendo a primeira questão da intervenção individual: “sim, pois já sofri bullying”. Muitos outros alunos relataram que são resilientes porque já passaram por problemas, mas que superaram.

Na segunda questão foi perguntado o que os estudantes achavam da atuação de um psicólogo na sua escola, e, de forma unânime, foi respondido que a atuação era necessária. Foi relatado que “as vezes a gente precisa de alguém que te escute (...)”, “tem pessoas que sofrem ou precisam de ajuda aqui na escola (...)” e que ter contato com um psicólogo “seria uma experiência incrível, iria ajudar muito”, a atuação de psicólogo na escola ira ajudá-los. Um dos alunos relatou que iria ajudar a “te dar um rumo, te ajudar nesse rumo, te ajudar nesse rumo, acho importante para auxiliar as pessoas, dar a mão sempre que precisa”.

Na terceira questão foi perguntado se eles acreditavam que todas as pessoas precisariam ter os mesmos direitos, independente da etnia, lugar de origem, como aprendem, deficiências e por que da resposta. Todos os alunos responderam que sim, “ter dificuldade em aprendizagem não justifica a forma que a outra pessoa possa ter mais direitos”, “todos somos iguais (...)”, que “o potencial de cada um não se enxerga, se sente”, “todas as pessoas merecem respeito”.

Na quarta e última questão foi pedido para que os alunos avaliassem o trabalho realizado pelos estagiários. Quinze dos dezesseis avaliaram como muito bom e apenas um aluno avaliou como ruim.

*1 Graduando do curso de psicologia do Centro Universitário de Patos (UNIFIP). E-mail: castelhanophilospsi@outlook.com

* 2 Graduando do curso de psicologia das Centro Universitário de Patos (UNIFIP). E-mail: delissousa@hotmail.com

* 3 Graduando do curso de psicologia das Centro Universitário de Patos (UNIFIP). E-mail: hugohoraciol@gmail.com

* 4 Graduando do curso de psicologia das Centro Universitário de Patos (UNIFIP). E-mail: hoortencianobre@hotmail.com

* 5 Psicóloga, Mestre em Psicologia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). E-mail: danielaribeiro@hotmail.com

Nesse estudo foi percebido que através da perspectiva da Psicologia Positiva, o período que marca a adolescência não seria necessariamente marcado pelo conflito, como afirma algumas teorias, entre elas as de viés sociológico e psicanalítico, mas através da resiliência o sujeito consegue superar e resolver os seus problemas sejam eles intra ou interpessoais. Outro conceito de grande importância, como a inclusão social, deve ser trabalhado dentro do ambiente escolar, promovendo o respeito, a igualdade das diferenças dentro de sua amplitude de fatores, e cabe então, ao psicólogo, juntamente com os demais profissionais envolvidos no processo de educação e escolarização, relacionar a resiliência com o processo de inclusão, abarcando as Políticas Públicas vigentes, garantindo os direitos da Constituição de 1988.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através desse estudo, foi percebido que dentro de um cenário microsocial, no caso a sala de aula, pode ser evidenciada a resiliência no período da adolescência. Ressalta-se que a presença de tal característica nos indivíduos pode se constituir como um aspecto de extrema relevância para o processo de inclusão escolar e que, por mais que existam conflitos interpessoais e intrapessoais, eles não devem ser vistos como determinantes na trajetória do desenvolvimento humano durante o processo educacional, que exige o desenvolvimento de habilidades de proporcionem a convivência harmoniosa em sociedade. Se faz necessário a preparação do psicólogo para atuar no contexto escolar numa perspectiva crítica, contribuindo para o processo de desenvolvimento e aprendizagem dos alunos, com fins de efetivação das políticas públicas, garantindo os direitos contidos na constituição federal.

*1 Graduando do curso de psicologia do Centro Universitário de Patos (UNIFIP). E-mail: castelhanophilospsi@outlook.com

* 2 Graduando do curso de psicologia das Centro Universitário de Patos (UNIFIP). E-mail: delissousa@hotmail.com

* 3 Graduando do curso de psicologia das Centro Universitário de Patos (UNIFIP). E-mail: hugohoraciol@gmail.com

* 4 Graduando do curso de psicologia das Centro Universitário de Patos (UNIFIP). E-mail: hoortencianobre@hotmail.com

* 5 Psicóloga, Mestre em Psicologia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). E-mail: danielaribeiro@hotmail.com

REFERÊNCIAS

Brasil (2000). *Parâmetros Curriculares Nacionais*. Brasília. MEC.

Brasil (2005). *Políticas Públicas de Inclusão*. Brasília. Secretaria de Educação Especial.

Brasil. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Lei número 9394, 20 de dezembro de 1996.

Brasil. *Constituição Federal de 1988*. Promulgada em 5 de outubro de 1988. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm.

Carr, E. (2007). *A visão expandida do apoio ao comportamento positivo* (pp 3 -14). *Jornal de intervenções Comportamento Positivo*.

Coll, C. Marchesi, A. Palacios, J (2004). *Desenvolvimento Psicológico e Educação: Psicologia da educação escolar*. Volume: 2. Porto Alegre: Artmed.

Danna, M. F., Matos, M. A, (2006). *Aprendendo a Observar. Em Técnicas de Amostragem e Registro* (pp. 65). São Paulo: Edicon.

Lenardt, M., H., Willig, M., H., Silva, S., C., Shim & Maruo, G., H. (2006). *Idoso Institucionalizado e a cultura de cuidados profissionais*. *Cogitare Enfermagem*.

Disponível: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=483648987004>>

Marinho-Araújo, C. M. & Almeida, S. F. C. (2005). *Psicologia Escolar: construção e consolidação da identidade profissional*. Campinas: Alínea.

*1 Graduando do curso de psicologia do Centro Universitário de Patos (UNIFIP). E-mail: castelhanophilospsi@outlook.com

* 2 Graduando do curso de psicologia das Centro Universitário de Patos (UNIFIP). E-mail: delissousa@hotmail.com

* 3 Graduando do curso de psicologia das Centro Universitário de Patos (UNIFIP). E-mail: hugohoraciol@gmail.com

* 4 Graduando do curso de psicologia das Centro Universitário de Patos (UNIFIP). E-mail: hoortencianobre@hotmail.com

* 5 Psicóloga, Mestre em Psicologia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). E-mail: danielaribeiro@hotmail.com

Martinez, A. M. (2003). *O compromisso social da Psicologia: desafios para a formação dos psicólogos*. São Paulo: Cortez.

Martinez, A., M. (2010). *O que pode fazer o psicólogo na escola?* Em Aberto 23(83), 39 – 56.

Oliveira, A., F. (2010). *Políticas Públicas Educacionais: conceitos e contextualização numa perspectiva didática* (pp 93-100). Goiânia: PUC Goiás.

Palacios, J., Olivia, A (2004). *Adolescência e seu significado evolutivo*. In: Coll, César; Marchesi, Alvaro & Palacios, Jesús (Org.). *Desenvolvimento Psicológico e Educação: Psicologia Evolutiva* (pp. 309-322). Porto Alegre. Artmed.

Papalia, D E., Feldman, R. D. (2013). *Desenvolvimento Físico e Cognitivo na Adolescência*. In: _____. *Desenvolvimento Humano*. Porto Alegre. Mc Graw Hill.

Paulon, S., M., Freitas, L., B., de L., Pinho, G., S. (2005). *Documento Subsidiário à Política de Inclusão*. Brasília. Ministério de Educação, Secretaria de Educação Especial.

Sheldon, K., King, L. (2001). *Porque a psicologia positiva é necessária* (pp. 216-217). Washington. Psicólogo Americano.

Yunes, M., A., M. (2003). *Psicologia Positiva e resiliência: o foco no indivíduo e na família* (pp. 75-84) vol.8. *Psicologia em Estudo*. Vol. 8 ISSN 1807-0329. <https://doi.org/10.1590/S1413-73722003000300010>.

*1 Graduando do curso de psicologia do Centro Universitário de Patos (UNIFIP). E-mail: castelhanophilospsi@outlook.com

* 2 Graduando do curso de psicologia das Centro Universitário de Patos (UNIFIP). E-mail: delissousa@hotmail.com

* 3 Graduando do curso de psicologia das Centro Universitário de Patos (UNIFIP). E-mail: hugohoraciol@gmail.com

* 4 Graduando do curso de psicologia das Centro Universitário de Patos (UNIFIP). E-mail: hoortencianobre@hotmail.com

* 5 Psicóloga, Mestre em Psicologia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). E-mail: danielaribeiro@hotmail.com